



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

## CORPOS (DES)OCUPADOS: REFLEXÕES SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES NA PRAÇA DA GENTILÂNDIA (FORTALEZA-CEARÁ)

Thalyson Santos Alves<sup>394</sup>  
Cícero Edinaldo dos Santos<sup>395</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre os corpos juvenis e suas experiências de gênero e sexualidade na cidade de Fortaleza, focalizando a ocupação da Praça da Gentilândia, nas noites de sextas-feiras. Parte inicialmente de um estudo bibliográfico e teórico acerca das questões referentes aos corpos, cidade, gêneros inteligíveis e heteronormatividade. Em seguida, apresenta relatos de experiências e observações. Considera que a ocupação da Praça da Gentilândia cria uma complexa rede simbólica de significados e modifica a rotina local. Conclui que a ideia de diversidade e homogeneidade é centralizada em alguns discursos referentes à ocupação do referido espaço, todavia, na prática, sobressaem-se as diferenciações e a heterogeneidade nos modos de ser e estar dos corpos juvenis.

**Palavras-Chave:** Gêneros. Sexualidades. Juventudes.

### 1. Apresentação

A cidade de Fortaleza é a sexta mais populosa do Brasil e a maior cidade do Estado do Ceará. É conhecida nacionalmente pelas suas praias, museus, teatros e espaços culturais. O bairro Benfica é um desses espaços e tem grande fluxo de universitários, meios de transportes e transeuntes, já que se localiza próximo a bairros residenciais e comerciais da cidade. Nele observa-se grande quantidade de bares, shopping, praças, instituições de ensino médio e superior frequentadas por jovens que não se identificam com os gêneros binários (masculino e feminino) ou com a heterossexualidade.

Tais jovens parecem construir formas de experimentações criativas nas suas socializações, enfrentando as indiferenças e a negação ao direito de ocupar os espaços citadinos. Constituem micropolíticas e resistências, habitando e se apropriando de locais de visibilidade que os são socialmente e historicamente negados.

Diante disso, este artigo introdutório foi realizado após duas noites de observações e experiências na Praça da Gentilândia, localizada em Fortaleza – Ceará, partindo do pressuposto de

<sup>394</sup>Graduando em Psicologia. Universidade Federal do Ceará. E-mail: alvesthalyson@gmail.com

<sup>395</sup>Doutorando em Educação (Bolsista CAPES). Universidade Federal do Ceará. E-mail: ciceroedinaldo@live.com



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

que a juventude, em muitos espaços, representa a imprevisibilidade, bem como a descontinuidade de uma suposta ordem social.

Os jovens trazem à tona espaços que pareciam inexistentes, vivendo e se apropriando da cidade de forma singular. Desse modo, a cidade torna-se um lugar de produção e recriação de signos. Em outras palavras, os jovens tomam a cidade como local de visibilidade de si, fazendo-se presentes na cena pública e estabelecendo uma postura ativa (DAYRELL, et al., 2011, p. 23-24)

Temos a intenção de refletir sobre os corpos juvenis e suas experiências de gênero e sexualidade na cidade de Fortaleza, focalizando a ocupação da Praça da Gentilândia, nas noites de sextas-feiras. A referida praça costuma ser ocupada por jovens de distintas classes, raças e orientações sexuais, cuja ocupação e a apropriação do espaço criam uma complexa rede simbólica de significados e modificam a rotina local.

### 2. Corpos-cidades: Nos Limiares das (re) configurações

Do nascimento a morte, o corpo passa por uma série de regulações culturais, imiscuídas em redes de poder-saber. Em linhas gerais podemos entendê-lo como uma “organização concreta, material e animada de carne, órgãos, nervos, músculos e estrutura óssea à qual é conferida uma unidade, uma coesão e uma organização através da sua inscrição psíquica e social enquanto superfície e matéria-prima de uma totalidade integrada” (GROSZ, 2011, p. 91).

O corpo não pode ser explicado por ele mesmo, nem contém em si uma verdade imutável. Ele é um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais políticas, econômicas e geográficas. Não se opõe a cultura. É um produto cultural historicamente reiterado e possível de subverter-se diante das ordens do discurso (GROSZ, 2000). As concepções sobre o corpo variam conforme as ciências, as religiões, os tempos e até mesmo os espaços no qual ele participa.

A cidade é um dos espaços cruciais na produção de corpos desejáveis e não desejáveis. Pode ser vista como:

[...] uma rede complexa e interactiva que relaciona, frequentemente de forma desintegrada e efectiva, um número de actividades sociais díspares, processos e relações imaginárias e reais, projectadas ou efectivamente arquitectadas em termos geográficos, cívicos e públicos. A cidade reúne fluxos económicos e informacionais, redes de poder, formas de deslocamento, de administração e de organização política. Inclui também relações sociais interpessoais, familiares e extra-familiares, para além de uma organização de espaço e de lugar com características estéticas/económicas que contribuem para criar um ambiente ou meio semi-permanente, mas mutável (GROSZ, 2011, p. 92).

A relação entre corpos e cidades pode ser entendida a partir de distintas perspectivas, tais como no modelo causal e representacional. Acreditamos que tais modelos podem ajudar a compreender a relação entre corpos e cidades, desde que combinem elementos dos mesmos e não os segregue, ou assinalem a precedência de um elemento em detrimento do outro. Preferimos ver a relação como uma interface, uma construção conjunta, recíproca, isto é:



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Um modelo de relação entre corpos e cidades que os toma não como entidades megalíticas, ou distintas, mas como montagens ou coleções de partes, com coleções de partes com capacidade de transpor limiares entre substâncias, para formar linhas, máquinas e sub ou micro agrupamentos provisórios e temporários. Este é um modelo prático, baseado na produtividade prática que os corpos e cidades adquirem ao definirem-se e estabelecerem-se mutualmente (GROSZ, 2011, p. 96).

Logo, ficamos a imaginar o processo pelo qual diferentes cidades produzem os corpos dos seus habitantes, com fisiologias, afetividades e comportamentos desejáveis, ao mesmo tempo em que nos preocupamos em perceber como os corpos mudam os espaços sociais das cidades, ocupando-os, resistindo e expressando-se.

Na produção de corpos desejáveis, as estruturas e formas das cidades se utilizam de estratégias de poder para circular uma gama de discursos sobre si e sobre os corpos. Entre os discursos podemos perceber que elas: 1) Orientam a percepção dos corpos individuais e coletivos; 2) Organizam as relações familiares e sexuais, separando a vida cultural em domínio público e privado, bem como separando os indivíduos e grupos por localizações e posições sociais ocupadas; 3) Estabelecem ligações laterais, contingentes, de curta ou longa duração, entre indivíduos e grupos sociais, bem como divisões mais ou menos estáveis, como no caso das distinções geracionais; 4) Fornecem e organizam a circulação de informações, assim como estruturam o acesso social e regional a bens e serviços; 5) Providenciam o contexto no qual as regras e expectativas sociais são interiorizadas a fim de se assegurar a conformidade social, ao mesmo tempo em que as posições sociais marginalizadas são isoladas e votadas ao distanciamento (GROSZ, 2011, p. 99).

Com o desenvolvimento da globalização e o êxito do capitalismo, tornaram-se máquinas políticas, onde distâncias e velocidades foram vivenciadas de formas diferentes. Redes sociais, celulares, transportes, internet e uma infinidade de outros elementos mudaram as interações dos corpos entre si e com os outros, tendo impacto no cotidiano e na própria existência corporal (*ibid*, 100).

Se por um lado houve a ampliação das possibilidades de ser e estar nas cidades, por outro notamos também a tentativa de segregação nas mesmas. Atualmente, alguns espaços sociais estão cada vez mais sendo privatizados, segmentados, monitorados e destinados a usos públicos bem delimitados.

Para os corpos que vivenciam os gêneros e as sexualidades de forma peculiar, contrariando as normatizações de uma suposta natureza humana, heterossexual e dual (masculino e feminino), circular e ficar em determinados espaços tornou-se um modo de transgressão, visto algumas vezes como uma ameaça à ordem imposta. Ordem esta que produz sentidos e significados para os próprios corpos vivenciaram nos espaços das cidades. (DIÓGENES, 2011; FREITAS; OLIVEIRA, 2011).



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

### 3. Gêneros e Sexualidades: (Des)ordens dos discursos heteronormativos

Os corpos juvenis continuam normatizados para atingir modelos identitários semelhantes às imposições sociais definidas *a priori* pelos mais distintos propulsores de convencimento. Este processo de convencimento vai muito além das técnicas corporais propriamente ditas e alcança as formas pelas quais os corpos juvenis são compreendidos e, sobretudo, a forma como são levados a se relacionar com os outros.

A sujeição de uns corpos sobre os outros é legitimada por uma suposta Natureza Humana que direciona as relações de poder. Por um lado, esta advoga que a materialidade dos corpos é binária (macho e fêmea) e por outro ressalta que, cada um, deve agir conforme o que é esperado *a priori*. Nesse sentido, os discursos sobre a Natureza Humana atuam como uma tecnologia social que reproduz atos e atributos, valores e crenças para os corpos.

A ideia de Natureza Humana parece estar presente nos discursos sobre os gêneros e as sexualidades. Tais discursos incitam os sujeitos a viverem de determinados modos e não de outros, a pensar e agir, a falar, a escolher entre inúmeras opções aquilo que convém. Produzem tipos ideais de sujeitos, naturalizando corpos, atos e atributos, dizendo o que é “certo” e o que é “errado” nas práticas sexuais, quais comportamentos e características são aceitáveis e quais são repudiadas (MEYER, SOARES, 2012; LOURO, 2008). Reforçam a existência dos gêneros inteligíveis, isto é, aqueles que “instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38).

Todavia, nem todos os seres humanos possuem tais coerências e continuidades. Logo, podemos dizer que os gêneros não são intrínsecos à humanidade. Não é aquilo que somos ou temos, mas aquilo que fazemos (SALIH, 2012). Nessa perspectiva, os gêneros podem ser vistos como a estilização do corpo, isto é, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório rígido que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma maneira natural de ser. Em outras palavras, os gêneros são performativos. Não são entidades preexistentes, essenciais. São constituídos por intermédio da linguagem, por discursos temporais e espaciais no corpo/para o corpo que alguém possui (BUTLER, 2002, 2003, 2011).

Não se nega a materialidade dos corpos, identificados por masculinos ou femininos, nem tampouco a existência da diferença material. Todavia, o que se pretende relativizar é o caráter naturalizado e essencializado de um sistema conceitual de relações que equaciona gênero, anatomia e desejo. Mesmo “existindo visivelmente”, é apenas nos interstícios das relações históricas que o corpo produz sentidos e significados (ALÓS, 2011, p. 426).



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

As performatividades de gênero não são um ato singular, único, pois seancora numa reiteração, colocada na prática, a partir dos discursos de um conjunto de normas. Enquanto os gêneros inteligíveis adquirem o status de natural, eles ocultam ou dissimulam as convenções das quais é uma repetição constituída historicamente, citada infinitas vezes, conforme as normas vigentes, podendo alterar-se.

A “aparência naturalizada do gênero” é ensinada por meio dos atos corporais e do que é esperado para eles, por intermédio da linguagem. O sujeito generificado faz “coisas” com e para a linguagem, produz efeitos com a linguagem e é o seu criador. Caso o gênero seja “representado mal”, isto é, distinto do que é socioculturalmente esperado, o sujeito pode se tornar refém de punições, proibições, violência física e/ou verbal. Caso contrário, os outros e o próprio sujeito praticante da performatividade tende a pensá-la como normal, “a verdadeira forma de expressão”.

A aparência ganha status de essência também em relação à sexualidade. No cotidiano, as alterações provocadas nas vivências sexuais não são discutidas. Criam-se estratégias de poder-saber para estruturar o que é da Natureza Humana e o que é desvio (FOUCAULT, 1988), contribuindo, assim, para o fortalecimento da heteronormatividade. Esta última pode ser entendida como um aparato de poder e força normalizadora da ordem social que representa às expectativas, demandas e obrigações sociais derivadas do pressuposto da heterossexualidade como natural, e, portanto, fundamento da sociedade (MISKOLCI, 2014, BUTLER, 2002).

Com o processo de globalização e os movimentos sociais (Feminismo, LGBT, etc) foi almejada uma nova relação com as sexualidades humanas, o que pode ser visto como um “vazio moral” (WEEKS, 1993). Há dois grandes blocos de posicionamentos a respeito disso. De um lado, saberes, crenças e comportamentos sobre as sexualidades. De outro, novas formas de pensar, interferir e gozar o próprio corpo sexual.

As novas possibilidades de experimentar as sexualidades tem se confrontado com o desejo de fixidez, segurança. Surge assim:

Um temor que alimenta o desejo de voltar a algum lugar do passado, a uma natureza original que teria sido extraviada em algum momento. E isso significa que, em algumas de suas instituições e nas práticas que essas implementam, nossa sociedade parece estar buscando reencontrar verdades, valores e crenças ‘perdidas’ que deveriam, ou poderiam, ser resgatadas (MEYER, SOARES, 2012, p. 46-47).

Um dos públicos alvos das regulações de gênero e da heteronormatividade ainda é a juventude. De forma sintética, podemos considerar que a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos (GROOPPO, 2000).



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Atualmente, se por um lado, notamos que os gêneros inteligíveis e a heteronormatividade são basais em nossa cultura, cujo machismo e a LGBTfobia crescem e propõem a eliminação da diferença, por outro lado percebemos que muitos jovens estão cientes de que estar “fora do armário” (SEDGWICK, 2007) não se refere apenas a uma tentativa de liberdade, mas a uma posição estratégica nas relações de poder próprias à esfera da sexualidade (MISKOLCI, 2012).

“Sair do armário” é uma tática de embate e uma tentativa de buscar novas formas de viver além das barreiras construídas historicamente sobre as sexualidades e os gêneros. Nesses embates inúmeros discursos são construídos, (re) significados e sustentados por disputas de poder. Poder viver. Poder ser e estar no mundo, nos espaços da cidade, como por exemplo, as Praças.

### 4. Eu, Eles, Nós: Experiências e Observações na Praça da Gentilândia.

Observar as experiências dos corpos juvenis na Praça da Gentilândia tornou-se um desafio de pesquisa e uma ação oportuna para a nossa formação acadêmica. Nossa observações foi realizada em duas noites de sextas-feiras, com caráter experimental e teve a finalidade de pensar como as questões teóricas, assinaladas anteriormente, são reiteradas ou subvertidas na prática, isto é, nas formas de organização dos corpos juvenis, entre si e nos espaços ocupados pelos mesmos.

Nas duas noites, o sentimento ao chegar à praça foi de estranhamento, já que estávamos ali, inicialmente, como *sujeitos que pesquisam* e *sujeitos de pesquisa*, pois também nos autoidentificamos como jovens e gays. A princípio, pensávamos que existia uma homogeneidade entre os indivíduos e grupos que ocupavam o referido espaço. Acreditávamos que a diversidade era valorizada entre todos. Todavia, as observações nos permitiu ver para além das considerações iniciais e reconhecer elementos que não imaginávamos.

A praça localiza-se perto de avenidas movimentadas, universidades, bares e comércios de alimentação, com bastante fluxo de pessoas e de meios de transportes. Passou por diversas modificações estruturais ao longo dos anos e é um espaço que há pouco tempo não tinha uma ocupação intensa, já que não havia iluminação suficiente e a sua estrutura era precária, o que acabava fazendo com que a mesma fosse considerada como perigosa por quem passasse e morasse no bairro Benfica.

Atualmente, sua estrutura está reformada, tendo diversos elementos em sua delimitação espacial, tais como árvores, quadra de esportes, parada de ônibus, bem como locais específicos para o lazer das crianças e exercícios físicos para as demais faixas etárias. Podemos também perceber que a ocupação intensa nas noites de sextas-feiras, atrai o comércio de alimentos, bebidas alcoólicas e drogas.



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Durante o dia percebe-se a presença de crianças e idosos, que praticam exercícios, brincam, conversam e jogam bola. Nas noites de sextas-feiras, a partir das 19h:30min, começa a se intensificar a chegada de jovens à praça. Os mesmos vão acompanhados com seus amigos para interagir, conversar, socializar, paquerar, beber, fumar, dar "close" e até dançar. Caixas de sons são ligadas, acopladas aos carros dos próprios jovens ou colocadas nos locais onde são vendidas bebidas alcoólicas. Com isso, pretende-se chamar atenção e reunir os jovens próximos a estes locais específicos. Nas noites das nossas observações, notamos que há preferências por músicas denominadas de Pop e Funk.

Acreditamos que os indivíduos criam os seus próprios modos de sociabilização. Divididos em pequenos grupos, os jovens parecem se aproximar diante de semelhanças nos estilos, roupas, gostos musicais, bem como questões relativas às maneiras pelas quais vivenciam os gêneros e as sexualidades.

Notamos grupos compostos exclusivamente por homens e outros apenas por mulheres, bem como alguns grupos que interagem com distintos gêneros e aproximam-se de distintos modos de vivenciar as sexualidades. Tais grupos experimentam éticas, sentidos e possibilidades outras de si, desfazem, mesmo que momentaneamente, as formas aprisionadas de (sobre) viver na cidade. Parecem angariar um sentimento de proteção e de coletividade.

Todavia, as relações de gêneros são constantemente tensionadas entre os grupos que ocupam a Praça da Gentilândia. Pequenas disputas e dualidades são visíveis. Ora se valoriza a multiplicidade, ora a binariedade (masculino e feminino), dependendo dos grupos formados. Nesse interim, alguns indivíduos autoidentificados por LGBTs ou até mesmo que não apreciam a referida nomeação não escondem suas preferências de ser e estar. Andam de mãos dadas com os seus parceiros, beijam-se e demonstram afetos publicamente.

Constatamos que a maioria desses indivíduos senta-se no chão ou faz rodas de conversa. Aprecia cigarros e bebidas, tais como vinho e cervejas. Estão em constante movimento. Agitações frenéticas cruzadas com pequenos momentos de silêncio. No entanto, também é possível perceber indivíduos que parecem temer possíveis retaliações, mesmo sabendo que não são os únicos com determinadas identificações de gênero e sexualidade no espaço supracitado. Talvez, eles não se sintam inseguros em relação a si, mas em relação às reações dos outros. Suas performatividades são limitadas pelo medo de reações agressivas.

Nas duas noites de sextas-feiras que observamos os acontecimentos da Praça da Gentilândia, não presenciamos violências físicas. Todavia, chegamos a experimentar a sensação de ameaça. Um



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

dos pesquisadores desse artigo foi vítima de homofobia e escutou palavras indecorosas. Notamos que entre risos e abraços amigáveis, existe uma tensão grupal que até então não conhecíamos. Parece-nos que esta tensão vem aumentando consideravelmente, diante de casos de violência no referido espaço, articulados ao consumo de drogas.

Alguns habitantes do bairro Benfica tendem a chamar de "maconheiros", "viados" e "desocupados" os jovens que estão na praça. Tendem a homogeneizar todos os corpos que veem, sem notarem que naquele espaço as diferenças são destacadas. Para além de uma suposta diversidade, a ocupação da Praça da Gentilândia provoca o (des) conhecimento sobre as diferenciações juvenis e as minuciosas formas de organização dos corpos no mesmo espaço da cidade.

Constamos que há uma intensa modificação de lugares ocupados, embora a configuração grupal, isto é, referente aos integrantes, não se altere desproporcionalmente. Em alguns casos, novos indivíduos são inseridos ao grupo. Em outros, o contato é amistoso, porém não há mistura ou fusão entre os mesmos. Até nas semelhanças, em relação aos gêneros e as sexualidades, há diferenciações, seja por causa de gostos, contatos ou afetos.

Entre os corpos juvenis também é possível perceber rejeições. As questões referentes aos gêneros e as sexualidades parecem estar presentes nesses embates. Alguns invadem os locais ocupados pelos outros, gerando um clima tenso, de disputa para ver quem chama mais atenção ou quem demonstra mais “alegria, beleza e descontração”.

Entendendo que os corpos juvenis estabelecem uma postura ativa ao estarem presentes da cena pública ou em locais de visibilidade popular (DIÓGENES, 2011), percebemos que as (des) conexões entre os gêneros e as sexualidades que se formam na Praça da Gentilândia são construídas por redes complexas de conflitos, trajetórias e subjetividades. Ao observar estas redes, notamos que a identificação com um gênero específico e o desenvolvimento afetivo-sexual pode resultar em parcerias ou segregações, disputas, processos de cumplicidades e coletividades.

### 5. Considerações Finais

A partir desse estudo percebemos que os modos de ser e estar dos jovens na cidade de Fortaleza, mais precisamente na Praça da Gentilândia, apresentam (des) conexões entre os gêneros e as sexualidades. O perfil dos indivíduos que frequentam esse espaço é múltiplo, bem como as formas de organização grupal.

A ocupação da Praça da Gentilândia parece desestabilizar a ordem simbólica até então vigente. Existe uma variedade de discursos sobre os corpos juvenis que ocupam esse espaço,



## Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

caracterizando-os com base numa suposta Natureza Humana e moralidade. Os gêneros inteligíveis (masculino e feminino) dividem espaço com outras performatividades dissidentes. A expressão da sexualidade confronta-se com pressupostos morais, reproduzidos pelos moradores do bairro e adjacências, bem como pelos próprios jovens que ocupam a Praça da Gentilândia.

Essa configuração provoca uma tensão em meio a alegrias e divertimentos, uma sensação de ameaça ocasionada por falas, gestos e reações não pré-concebidas. Em suma, a partir desse estudo introdutório e experimental notamos que a ideia de diversidade e homogeneidade dos corpos juvenis, na Praça da Gentilândia, não corresponde ao que se imagina e se difunde sobre os mesmos. Sobressaem-se as diferenciações e a heterogeneidade nos modos de ser e estar, seja eles individuais ou coletivos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÓS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividades: estratégias pedagógicas de subversão. **Estudos Feministas**. Florianópolis. 19 (2) maio- agosto. p. 421 – 449. 2011.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Barcelona: Paidós, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. Actos Performativos e Constituição de Género. Um ensaio sobre Fenomenologia e Teoria Feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca. **Género, Cultura Visual e Performances**: Antologia Crítica. Minho-Portugal: Centro de Estudos Humanísticos; Húmus, 2011.
- DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria I. C.; STENGEL, Márcia (org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed PUC Minas, 2011 (Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira), 2011.
- DIÓGENES, Glória. Enigmas do medo – juventude, afetos e violência. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria I. C.; STENGEL, Márcia (org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed PUC Minas, 2011 (Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira), 2011.
- FREITAS, Ricardo Ferreira; OLIVEIRA, Janete da Silva. **Olhares Urbanos – Estudos sobre a metrópole comunicacional**. SP: Summus, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** - vol.1: A Vontade de Saber. São Paulo: Graal, 1988.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. *Cadernos Pagu.* (14). P. 45-986. 2000

\_\_\_\_\_. Corpos-Cidades. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca. Género, Cultura Visual e Performance: Antologia Crítica. Universidade do Minho – Centro de Estudos Humanísticos: Húmus, 2011, p. 89-100.

GROPPÓ, Luís Antonio. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma Perspectiva Pós-estruturalista. São Paulo: Vozes, 2008.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. Corpo, gênero e Sexualidade: desafios para a educação escolar. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues [et. al] (orgs). **Saúde, Sexualidade e Gênero na Educação de jovens.** Porto Alegre: Mediações, 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012.

\_\_\_\_\_. Estranhando as Ciências Sociais. Notas Introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan.** Ano 1. N° 2. P. 8-25. Nov. 2014.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Belo Horizonte: Autentica 2013.

SEDGWICK, EveKosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu.* n. 28, pp. 19-54, 2007.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidad: significado, mitos y sexualidades modernas.** Madrid: TalasaEdiciones S.L. 1993.